

A ESPERA DA REFORMA...

Vão cumprir-se 3 anos sobre o início de uma experiência no sentido de fazer do velho curso de Filologia Clássica um curso novo e dinâmico, capaz de responder às necessidades do estudante do nosso tempo. Como vai ser aproveitada essa experiência, que seguimento se lhe vai dar (se é que seguimento vai ter), são questões a que de momento nenhum de nós está em condições de dar resposta. Estamos em crer, todavia, que não será inútil proceder neste momento a um balanço do que se tentou e dos resultados que se conseguiram. Quanto mais não seja para ficarmos com a consciência tranquila por termos feito o que julgávamos melhor.

Durante anos e anos, fez-se, consciente ou inconscientemente, da Filologia Clássica um mero cenáculo para iniciados (desligados da vida, que "cá fora" prosseguia), apenas entretidos na beata contemplação da "beleza que se tornou eterna". A Filologia Clássica era apenas isso — Filologia no pior sentido da palavra: aquela erudição pesada e doentia já satirizada por homens como Séneca, Petrónio, Juvenal. Porquê a admiração, se a generalidade dos estudantes passava ao lado de um ramo de estudos que, mais do que actividade cultural, se assemelhava a uma "representação" no teatro anatómico?

Além de que, numa espécie de suplício de Sísifo, a Filologia Clássica, como a generalidade dos cursos de Letras, sempre foi entendida como formação de profissionais dum ensino secundário manifestamente incapaz de qualquer iniciativa renovadora. Aprendia-se para se ensinar aquilo que se aprendera...

Ora, em Clássicas como em qualquer outro curso superior, há dois aspectos a considerar: um é a formação técnica, outro, a formação cultural, com tudo o que esta implica. Pareceu-nos, quanto a este aspecto, que deveríamos, para além da preparação meramente técnica, isto é, orientada em função exclusiva daquilo que os nossos estudantes iriam ensinar no liceu, preocupar-nos com uma vasta formação cultural, que lhes permitisse ser, se o quisessem, bons professores liceais, mas também, se para tal se inclinassem, orientar-se para outras actividades profissionais, a que a sua preparação específica e a sua bagagem cultural lhes permitissem ter acesso.

Pensámos ainda na possibilidade de combinar os Estudos Clássicos com outros ramos de estudos, o que permitiria alargar as possibilidades de aproveitamento dos nossos diplomados. Porque não, por exemplo, combinar o estudo da Antiguidade latina com o estudo da língua e da cultura alemãs? Porque não combinar o estudo da Literatura Grega com uma boa preparação em História? Pensámos, em suma, que não seria utópico considerar

que o aproveitamento dos licenciados ou bacharéis saídos da Fac. de Letras fosse feito em função dos estudos por eles realizados, em vez de, como anteriormente, os estudos a seguir serem pré-condicionados por um objectivo profissional específico: professor do liceu !

Quisemos igualmente desfazer a ideia de que as Clássicas são uma espécie de mundo à parte, cortado das realidades e das correntes do pensamento que atravessam o mundo contemporâneo. Navegando contra a corrente, quisemos fazer beneficiar os Estudos Clássicos dos progressos trazidos pelos novos métodos de análise linguística e literária. Quisemos que a Filologia Clássica deixasse de ser apenas "Filologia" para ser igualmente História e Filosofia, Sociologia e Ciência Política, Mitologia e Arte. Quisemos que ela fosse, não a contemplação embevecida de um cadáver, mas a análise viva e dinâmica de uma civilização efervescente e... moderna. Moderna, sim, pois não vamos julgar que o homem grego ou romano é assim tão diferente de nós: Ésquilo não é menos profundo que Brecht, nem Virgílio menos audaz que Proust ou Joyce. Quisemos chamar aos Estudos Clássicos todos os contributos susceptíveis de ajudar à compreensão do mundo antigo, desde Freud a Marx, de Lukács a Barthes, de Lévy-Strauss a Foucault. Quisemos que os nossos estudos se não limitassem ao período unilateralmente denominado clássico, mas incluíssem também o mundo medieval, de que o latim era a língua de cultura. Quisemos que o estudo das línguas grega e latina se fizesse não apenas com base no tradicional método histórico-comparativo, mas pudesse igualmente tirar partido de novas técnicas, como a gramática generativa, a estatística linguística, o tratamento de textos em computador.

Utópico, tudo isto ? Talvez, até porque a inércia o não deixará (quem sabe ?) ser outra coisa. Se a experiência foi válida, melhor que nós o poderão dizer os estudantes que entretanto passaram pelo Departamento de Estudos Clássicos. É possível que algumas das matérias estudadas não tenham aplicação prática directa se aos diplomados em Clássicas somente se reservar o destino, comum afinal a quase todos os cursos de Letras, de ir ensinar português para os liceus. Mas, enquanto o aproveitamento dos estudantes de Letras, se fizer desta forma tacanha e retrógrada, que se deixe ao menos a hipocrisia de falar em ensino superior.

JOSÉ ANTÓNIO CAMPOS

CUSTÓDIO MAGUEIJO

AIRES NASCIMENTO

ANTÓNIO RODRIGUES DE ALMEIDA

VÍCTOR JABOUILLE